

ESCOLA DE HUMANIDADES  
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

MAIARA CARVALHO

**TERROR TAMBÉM É COISA DE CRIANÇA: UM ENSAIO  
SOBRE O MEDO NA LITERATURA INFANTIL**

Porto Alegre  
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

MAIARA CARVALHO

**TERROR TAMBÉM É COISA DE CRIANÇA**  
UM ENSAIO SOBRE O MEDO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

**Orientador: Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar**

Porto Alegre

2021

MAIARA CARVALHO

**TERROR TAMBÉM É COISA DE CRIANÇA**  
UM ENSAIO SOBRE O MEDO NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar

---

Prof. Dr. Luís Roberto Amabile

---

Prof. Dr. Bernardo Bueno

Porto Alegre

2021

Para minha mãe, que me incentivou a  
tirar os monstros de baixo da cama e  
colocá-los no papel.

## AGRADECIMENTOS

A lista é enorme de pessoas que tenho a agradecer, afinal foi um período bastante difícil para mim, e foi graças ao apoio incondicional de muitos que consegui ultrapassar essa fase e finalizar esta obra, que vou levar no coração mesmo que não seja a melhor que tenha feito.

Por razões óbvias, começo agradecendo à minha mãe, minha pessoa, minha parceira de filmes de terror. Ela é a pessoa que me apoiou em minhas escolhas e sempre me ensinou a seguir em frente, porque os erros faziam parte do caminho e só nos tornavam mais fortes para realizar grandes acertos.

Minha família teve um papel fundamental nesta obra, de fato, eles merecem tanto crédito quanto eu: aos meus irmãos, Tamara, Lucas, Julia, Felipe e Mariana, que carregam a herança artística da família e seguiram essa trajetória ao meu lado, constantemente me alegrando quando eu mais precisava; Mariana, em especial, meu presentinho de aniversário, que foi aquela que mais se empolgou com tudo o que eu escrevi e que esteve ao meu lado com seus abraços maravilhosos; meus sobrinhos, Pedro e Manu, que, assim como todos da família, desde tão pequenos já possuem uma paixão pelo terror. Agradeço também ao meu padrasto, Eder, que fez um papel fundamental de pai, correndo comigo para os lugares e sempre se preocupando com meu bem-estar; à minha avó, que me presenteou meu primeiro livro (meu favorito até hoje) e me deu suporte nos momentos que eu mais precisava; à minha tia, Ane, que depositou em mim a confiança que eu nem tinha, de que eu sou uma escritora de valor e consigo escrever coisas incríveis, também foi quem — junto da minha avó — indiretamente me apresentou a série *Tudo bem não ser normal*, que embasa todo este trabalho. E agradeço ao meu tio e irmão de coração, Luciano, que foi a pessoa que mais escutou meus desabafos nessa época tão difícil, e estava ali me impulsionando para correr atrás daquilo que eu queria.

Eu não teria como não mencionar aqui, a pessoa que mais correu atrás de mim, minha orientadora, Janaína. Foi quem que mais acreditou na minha capacidade de finalizar este trabalho, que passou nossos encontros tendo que agir como terapeuta e, no auge do meu desespero, foi quem conseguiu me tranquilizar e me guiar a fazer as coisas que eu precisava. Talvez ela não faça ideia da magnitude do quanto ela foi importante em tudo isso, e eu não conseguiria descrever, mas o fato de ela não desistir de mim, foi o que fez eu não desistir de mim. Então um agradecimento seria pouco.

Tenho duas amigas especiais também para mencionar aqui: Letícia, minha alma gêmea, que eu nunca vi pessoalmente (ainda), mas que tenho certeza de que conheço de outras vidas, foi a pessoa que acompanhou meus momentos difíceis, e me deu espaço quando sabia que eu precisava, sem reclamar dos meus sumiços, a pessoa que compartilha desse amor pelo sombrio, e talvez uma das que mais acredita na minha capacidade, quando nem eu mesma sou capaz de acreditar; e Sheila, minha surpresa desse período universitário, uma amiga que surgiu de um momento engraçado, que começou com conversas aleatória no trem, e que agora eu não consigo imaginar minha vida sem a presença dela, às vezes eu acho que não mereço essa amizade, porque ela foi a pessoa mais dedicada a mim, que me trazia lanches e que até hoje idealiza um futuro em que ela vai ler meus livros para seus alunos, essa visão foi uma das que mantiveram meu foco em finalizar tudo isso.

Aos meus melhores amigos, sou eternamente grata: Fernanda, Arthur e Ana. São meus parceiros desde muito tempo e acompanharam toda a minha jornada com a escrita, desde os tempos da escola, em uma oficina de mangá e até hoje quando os nossos gostos se divergiram, mas nossos laços se tornaram muito maior que isso.

Não iria deixar de fora, meus preciosos colegas, do nosso Clube do Cinco. Karol, Léo, Ricardo e Yasmin, eu demorei para me enturmar na faculdade, mas as coisas foram acontecendo e vocês conquistaram um lugar especial aqui. Obrigada pelas madrugadas escrevendo roteiros e por acompanharem de perto meu desenvolvimento escrevendo terror. Vocês me apoiaram tanto e nem fazem ideia do quanto isso foi importante para mim.

E finalizo este texto extenso com um agradecimento especial aos dois professores da banca: professor Luís, que acabou de se tornar pai, e que foi um mestre excelente que jamais irei esquecer; e o professor Bernardo. Não tenho palavras para expressar o quão grata eu sou a ele, pois foi quem me instruiu a fazer as coisas certas e conseguiu para mim, a oportunidade de estar aqui hoje, finalizando este trabalho.

“Contos de fadas não são alucinógenos  
que semeiam sonhos. Mas estimulantes que  
despertam a realidade!  
Por isso, leiam muitos contos de fadas  
e acordem.”

- *Ko Moon-young*

## RESUMO

Este trabalho apresenta-se em duas etapas, uma teórica e outra criativa, sendo a primeira delas um ensaio que aborda o terror na literatura infantil. Inicia-se com uma breve narração sobre minha experiência pessoal com a anulação dos meus medos, e o quanto as consequências disso me trouxeram ao tema escolhido para este ensaio. Logo mais faço uma breve análise mais clínica sobre o que é o medo, tendo como apoio as obras de Christian Darwin (2000), *A expressão das emoções no homem e nos animais*, Paulo Dalgalarrondo (2000), *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*, e Emílio Mira y Lopez (1963), *Os quatro gigantes da alma*. Na sequência, venho a utilizar principalmente de uma entrevista online com o psicanalista Christian Dunker (2021) e das obras de Diana Corso e Mario Corso (2006-2008), *Fadas no divã – Psicanálise nos contos de fadas* e *A psicanálise na Terra do Nunca*, para retratar a relação das crianças com o medo, trabalhando também as antigas fábulas de conteúdo sensível, e estabelecendo uma conexão com o despertar do sentimento de medo durante a infância e seu escopo nas narrativas infantis. Depois, segue-se um esclarecimento sobre as mudanças no conceito de infância, e para tanto utilizo como apoio os livros de Phillipe Ariès, *História social da criança e da família* (1973) e Colin Heywood (2004), *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. E finalizo o ensaio com uma análise da obra de Ko Moon-young (2021), *O menino que se alimentava de pesadelos*, uma narrativa infantil sombria que carrega todo o ensinamento que desejo transmitir com este trabalho. Na parte criativa deste TCC, trago o livro, escrito por mim, *Serena e o monstro na janela*, que narra a história de Serena, uma menina que começa a ver uma criatura assustadora a observando todas as noites do lado de fora de sua janela. Seus pais insistem em dizer que não é nada, que ela não precisa ter medo e que vai passar, mas a criatura parece ficar cada vez mais perto de sua janela. Serena não quer sentir medo, e continua a ignorar, mas seguir rejeitando esse sentimento pode ter consequências. É uma história sobre o medo, e sobre como reprimir esse sentimento pode trazer complicações. Não tenho pretensão de enaltecer ou incentivar causar pânico em crianças, mas sim mostrar como há possibilidade de trabalhar esse sentimento de uma maneira saudável que pode, em minha opinião, desenvolver uma parte importante da personalidade da criança.

**Palavras-chave:** Medo. Terror. Literatura infantil. Infância. Escrita Criativa.



## ABSTRACT

This work is presented in two stages, a theoretical and a creative one, the first of which is an essay that addresses terror in children's literature. It begins with a brief narration about my personal experience with the annulment of my fears, and how the consequences of this brought me to the theme chosen for this essay. Soon I will make a brief more clinical analysis of what fear is, supported by the works of Christian Darwin (2000), *The expression of emotions in man and animals*, Paulo Dalgalarrodo (2000), *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*, and Emílio Mira y Lopez (1963), *Os quatro gigantes da alma*. As a result, I use mainly an online interview with the psychoanalyst Christian Dunker (2021) and the works of Diana Corso and Mario Corso (2006-2008), *Fadas no divã – Psicanálise nos contos de fadas* and *A psicanálise na Terra do Nunca*, to portray the relationship of children with fear, also working with the old fables with sensitive content, and establishing a connection with the awakening of the feeling of fear during childhood and its scope in children's narratives. Afterwards, there is a clarification on the changes in the concept of childhood, and for that I use as support the books by Phillipe Ariès, *Social history of the child and the family* (1973) and Colin Heywood (2004), *A history of childhood*. And I end the essay with an analysis of the work of Ko Moon-young (2021), *The boy who fed on nightmares*, a dark children's narrative that carries all the teaching that I want to convey with this work. In the creative part of this TCC, I bring the book, written by me, *Serena e o monstro na janela*, which tells the story of Serena, a girl who begins to see a scary creature watching her every night outside her window. Her parents insist that it's nothing, that she doesn't need to be afraid and that it will pass, but the creature seems to get closer and closer to her window. Serena doesn't want to be afraid, and continues to ignore it, but continuing to reject that feeling can have consequences. It's a story about fear, and how repressing that feeling can bring complications. I do not pretend to praise or encourage causing panic in children, but rather to show how there is a possibility of working this feeling in a healthy way that can, in my opinion, develop an important part of the child's personality.

Keywords: Fear. Horror. Children's literature. Childhood. Creative Writing.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>ILUSTRAÇÃO 1:</b> Capa de <i>O menino que se alimentava de pesadelos</i> .....	<b>24</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 2:</b> Página 6 de <i>O menino que se alimentava de pesadelos</i> .....	<b>26</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 3:</b> Página 7 de <i>O menino que se alimentava de pesadelos</i> .....	<b>27</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 4:</b> Página 12 de <i>O menino que se alimentava de pesadelos</i> .....	<b>28</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 5:</b> Página 16 de <i>O menino que se alimentava de pesadelos</i> .....	<b>29</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 6:</b> Página 17 de <i>O menino que se alimentava de pesadelos</i> .....	<b>30</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 7:</b> Página 18 de <i>O menino que se alimentava de pesadelos</i> .....	<b>31</b>

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>13</b>
<b>1 TERROR TAMBÉM É COISA DE CRIANÇA: UM ENSAIO SOBRE O MEDO NA LITERATURA INFANTIL .....</b>	<b>15</b>
<b>2 <i>SERENA E O MONSTRO NA JANELA</i> .....</b>	<b>34</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando cheguei com a ideia deste trabalho, propondo para minha orientadora, não imaginava a magnitude que todo esse assunto poderia desenvolver. Falar sobre a literatura de terror para crianças sempre me soou extremamente atrativo, pois era algo que estava presente para mim e queria compartilhar essa paixão com os outros, nem que fosse escrevendo algo do gênero.

Não sei descrever ao certo o que me levou a escrever esse tipo de conteúdo, afinal quando iniciei o curso de Escrita, eu idealizava um futuro em que me lançava como autora de comédias românticas e fantasias medievais e sobrenaturais. Só que não foi bem assim. Logo nos primeiros semestres, em uma oficina de escrita, escrevi o conto “O homem torto”. Ao redescobri-lo agora, me trouxe toda uma nova perspectiva de que eu poderia escrever para crianças, um gênero que eu amava demais.

Ao me aprofundar no assunto, encontrei uma entrevista do psicanalista Christian Dunker (2021), intitulada *Precisamos falar sobre o medo*, falando exatamente o que eu queria saber, isto é, sobre a importância de as crianças sentirem medo. Mais adiante, me foi apresentado, por minha orientadora, o livro *Fadas no divã – Psicanálise nos contos de fadas*, de Diana Corso e Mario Corso (2008). E foi assim que surgiu *Terror também é coisa de criança — Um ensaio sobre o medo na literatura infantil*, no qual abordo o conceito de medo e sua relação com o ser humano desde o berço, o terror na literatura infantil e nos antigos contos de fadas, o conceito de infância e suas transformações e a importância de incentivar o medo por meio da literatura.

Como objeto de análise, queria poder usar toda a coleção *It's okay not to be okay*, de Ko Moon-young (2021), pois meu amor por essa coleção não tem tamanho. Mas, para me limitar e conseguir desenvolver uma melhor análise, escolhi o primeiro livro dela, *O menino que se alimentava de pesadelos* (2021), que carrega toda a premissa deste trabalho. Esse livro traz questões muito profundas sobre o sofrer, o medo e a anulação desses sentimentos.

Então, no meio disso tudo, surgiu *Serena e o monstro na janela*, uma história de uma garotinha que começou a sentir e compreender o medo, mas que por influência dos pais e dos colegas começou a reprimir essa emoção. No fim das contas, o monstro, quer seja ele alimentado por o que for, é o nosso medo, e quando ele nos alcança, nos domina. As consequências muitas vezes são imprevisíveis. É uma representação fantasiosa e assustadora, eu sei, mas ainda assim é real, do que pode acontecer quando anulamos nossos medos.

Espero poder conseguir abordar de uma maneira clara sobre o quanto é importante trabalhar a literatura de terror com crianças, assim como foi para mim. O ensaio e a narrativa proposta buscam abrir os olhos para não se romantizar nem estimular atitudes que causam mais danos às crianças. Espero que a leitura seja agradável e fluída e que esse texto alcance os corações e liberte os medos de todos.

## **1 TERROR TAMBÉM É COISA DE CRIANÇA: UM ENSAIO SOBRE O MEDO NA LITERATURA INFANTIL**

Quando se aborda um tema sensível como o medo, é muito comum as pessoas associarem a coisas ruins. E, por conta disso, muitas vezes este é considerado um assunto quase tabu de se conversar. Nesse sentido, assumir os próprios medos é assumir a vulnerabilidade, o lado mais fraco, ou até mesmo, algo que pode ser usado contra nós mesmos.

Também é comum, em nosso cotidiano, escutarmos frases como “não precisa ter medo”, “não é nada”, ou até mesmo “você é corajoso(a), não há porque se sentir assim”, e projetamos esse comportamento para as pessoas à nossa volta, principalmente para as gerações mais novas. Afinal, queremos prepará-las para que sejam fortes e para que não precisem enfrentar esses sentimentos tão comumente vistos como negativos.

Nem sempre percebemos o quanto esse tipo de atitude pode trazer consequências inesperadas e contrárias às nossas expectativas. Quando criança, por exemplo, eu mesma não sabia que anular meus medos poderia trazer consequências. E, infelizmente, isso veio a mim de uma maneira não muito saudável, na primeira vez que tive um ataque de pânico, quando eu estava lá pelos meus oito anos.

Como uma criança que buscou constantemente independência emocional, com o intuito de amadurecer e não ser um “incômodo” para a mãe, eu guardei para mim os meus temores. Não mencionava o quanto ficava apavorada com brigas — que me lembravam dos momentos que meu pai e madrasta agiam de forma agressiva um com o outro — e, com poucos anos de vida, acreditava que poderia carregar esse fardo sozinha.

Foi em uma dessas contendas, em uma visita de férias de verão, que me senti de uma forma diferente do normal. Eu desatei a chorar sem entender por que meu coração doía tanto ao bater e eu tremia tanto que não conseguia respirar direito, sendo que não estava em uma crise de asma. Hoje, eu sei o que estava acontecendo, e aquela cena se repetiu muitas vezes depois daquilo. E aí foi praticamente imparável: o menor sinal de uma possível briga, como vozes se alterando, gesticulação agressiva, ou qualquer início de discussão que eu via, desencadeava uma crise de pânico em mim.

Lidar com esses sentimentos angustiantes não foi o meu erro, mas sim reprimi-los. Depois de muita autoanálise, percebi que esse medo em específico era o único que eu escondia, por vergonha, e foi o que me prejudicou a longo prazo. Mas, mesmo parecendo tarde demais

para mudar isso, ter a compreensão das coisas fez toda a diferença para mim. Eu não tinha como me livrar do medo, eu teria de conviver com ele, mas, mais do que viver à sombra de vários quase ataques de pânico, eu escolhi usar esses sentimentos para me entreter, e alimentei-o cada vez mais, só que de uma maneira que eu tinha total controle.

Não havia uma explicação que justificasse a minha paixão pelo sombrio, pelo terror. Parece que apenas aconteceu. É como se eu estivesse tão conectada com todo esse universo, ou melhor, como se ele sempre estivesse aqui dentro de mim, sendo parte de mim. Nada me era estranho. Desde pequena, eu adorava assistir a filmes do Tim Burton, programas sobre lendas urbanas e até mesmo espionar os filmes de terror que os adultos viam, o que me dava muito medo, e ainda me dá. Mas esse sentimento nunca mais foi reprimido, e ter minha mãe me dando liberdade para buscar apoio e falar sobre isso fez toda a diferença.

Mas afinal de contas o que é o medo? E qual a relação dele com o desenvolvimento pessoal humano? Sem pensar muito, sabemos que o medo está presente na vida de seres humanos e animais desde seus estados mais primitivos até os mais complexos. É a emoção que se conecta com o instinto de proteção e defesa dos seres vivos. Em outras palavras:

A rigor, o medo não é uma emoção patológica, mas uma característica universal dos animais superiores e do homem. Trata-se do estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes, ante a impressão iminente de que sucederá algo que o indivíduo quer evitar, o que progressivamente se considera menos capaz de fazer. (DALGALARRONDO, 2000, p. 109)

O psicanalista Christian Dunker (2021), em entrevista para Lunetas – portal de jornalismo para famílias e interessados na temática da infância –, afirmou que: “O medo é um afeto, e envolve o modo como um estímulo nos afeta, e também o que ele evoca em nós em termos de resposta, ou seja, de emoção”. Mira y Lopez (1963), por sua vez, divide o medo em seis estados ou fases de intensidade que estabelecem o grau de periculosidade que ele pode causar à alma, sendo eles: prudência, cautela, alarme, ansiedade, pânico (medo intenso) e terror (medo intensíssimo). E afirma ainda que “nas três primeiras fases ou níveis de invasão do Medo, a praxia (conduta motora individual) é ainda satisfatoriamente controlada pela personalidade, enquanto nos três últimos se acelera e precipita sua total desorganização e abolição” (MIRA Y LOPEZ, 1963, p. 39). Já Dalgalarrondo (2000, p. 111) reafirma essa ideia dizendo que “algumas emoções e sentimentos considerados normais podem ter implicações psicopatológicas a depender da intensidade e do contexto no qual surgem e se desenvolvem”.

Em seu estudo *A expressão das emoções no homem e nos animais*, publicado pela primeira vez em 1872, Darwin (2000) refere o medo como uma das seis emoções básicas universais na nossa existência, ou seja, aquelas emoções que são capazes de serem expressas por meio de nossos músculos faciais e comportamento corporal. Fazendo uma análise muito mais biológica e dissecando os detalhes das reações dos seres perante o sentimento de medo, o naturalista menciona diferentes segmentos da emoção, podendo ser angústia, pavor, terror, entre outros estados relacionados. O seguinte trecho se destaca:

Sentimos horror se vemos alguém, por exemplo uma criança, exposto a algum perigo ameaçador iminente. Quase todos experimentaríamos o mesmo sentimento no mais alto grau ao ver um homem ser torturado ou prestes a sê-lo. Nesses casos não há perigo para nós mesmos, mas pelo poder da imaginação e da empatia, nós nos colocamos no lugar daquele que sofre, e sentimos algo próximo do medo. (DARWIN, 2000, p. 285)

Porém, quando falamos em narrativa de terror, costumamos associar a um público adulto. E é isso que faz, talvez, com que a expressão “literatura de terror infantil” possa soar como um tema polêmico. Afinal, terror não é coisa de gente grande?

Se pararmos para pensar, as pessoas possuem contato com o medo desde o berço<sup>1</sup>, ora em função de uma cantiga de ninar, ora em virtude de uma leitura de fábula. Desde esse momento, nossas emoções começam a nos preparar para desenvolvermos nosso senso de autopreservação. Em uma abordagem psicológica, podemos dizer que:

No momento em que alguém mais precisa de paz, para poder relaxar, abrimos a porta para os monstros, por quê? O que faz os bebês sofrerem antes de dormir é uma angústia sem contornos, sua subjetividade é ainda muito incipiente para dar conta das sensações corporais, do mal-estar difuso diante da mãe que se ausenta e retorna sem que ele tenha controle sobre isso. Quando lhe fornecemos um objeto fóbico, alguém a quem temer, fazemos o bebê dar um passo, ainda que falso, mas extremamente útil na direção da diminuição do sofrimento, através de um primórdio de elaboração. Transformamos a angústia em fobia: se eu sei que algo me ameaça, então posso me proteger, logo a minha mãe pode me ajudar, logo esse aconchego que ela me dá é bom, logo o bicho medonho não é a minha mãe. (CORSO; CORSO, 2006, p. 164)

---

<sup>1</sup> Há estudos que mostram que o medo já acontece dentro do útero. A revista *Pnas*, da Academia Nacional de Ciências dos EUA, relatou pesquisa realizada em roedores que mostraram temor à hortalã, após as mães serem condicionadas a associarem hortalã com estresse. Essa descoberta poderá levar a responder a uma grande questão relatada em diversos casos clínicos: como efetivamente explicar experiências traumáticas que ocorrem antes do nascimento. Para mais informação ver: <https://www.pnas.org/>.



Até hoje existe um obstáculo que delimita o contato e o desenvolvimento da criança com o medo, isto é, a superproteção dos pais. Adultos, vendo seus filhos e filhas sob o risco de passarem por tal emoção, quase sempre tentam poupar a criança, projetando seus medos nelas e impedindo que venham a desenvolver seus próprios medos. E isso tem implicações:

Esse tipo de interpretação alarmista alimenta nas famílias uma inibição quanto à possibilidade de se comunicar com as crianças, não são poucos os adultos que escolhem a dedo suas palavras, com pânico de traumatizar os pequenos. Descrever a psicologia infantil e conjecturar sobre seu funcionamento particular devem servir para nos aproximar das crianças, não para reduzi-las ao convívio com especialistas que seriam os únicos a saber o que está acontecendo com elas. (CORSO; CORSO, 2006, p. 164)

Diana Corso e Mario Corso (2006) abordam especificamente sobre a censura nos clássicos contos de fadas e suas incontáveis releituras com o passar dos anos. E podemos revelar um claro reflexo disso, usando como exemplo o conto da *Chapeuzinho vermelho*. Começamos relembando o original de Perrault (2010, p. 45), que possui um final trágico, com a morte da criança:

“Minha avó, que dentes grandes você tem!”

“É para comer você.”

E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

É isso mesmo: não há concessões. Essa menina sem nome, que “não sabia como é perigoso parar e dar atenção a um lobo” (PERRAULT, 2010, p. 43), foi pedagogicamente punida para servir de exemplo às “mocinhas bonitas, atraentes, meiguinhas” que dão ouvido a qualquer tipo de gente (PERRAULT, 2010, p. 45).

Em uma versão posterior, registrada pelos irmãos Grimm (2015), além de ganhar uma narrativa que claramente ameniza o impacto dos acontecimentos, a Chapeuzinho ganha um herói para resgatá-la. Eis que surge a personagem do caçador, que até então não existia em outros registros – claro que ainda se encontra uma narrativa com teor mais “pesado”, com canibalismo, mutilação e violência exacerbada para contra o lobo, em prol de uma vingança.

Porém, ao cotejarmos essas duas versões, conseguimos ver uma clara preocupação com a maneira que a criança vai absorver essas informações:

“Ó avó, que boca grande, assustadora, você tem!”

“É para melhor te comer!”

Assim que pronunciou estas últimas palavras, o lobo saltou fora da cama e devorou a coitada da Chapeuzinho Vermelho.

Saciado o seu apetite, o lobo deitou-se de costas na cama, adormeceu e começou a roncar muito alto. Um caçador que por acaso ia passando junto à casa pensou: “Como essa velha está roncando alto! Melhor ir ver se há algum problema.” Entrou na casa e, ao chegar junto à cama, percebeu que havia um lobo deitado nela.

“Finalmente te encontrei, seu velhaco”, disse. “Faz muito tempo que ando à sua procura.”

Sacou sua espingarda e já estava fazendo pontaria quando atinou que o lobo devia ter comido a avó e que, assim, ele ainda poderia salvá-la. Em vez de atirar, pegou uma tesoura e começou a abrir a barriga do lobo adormecido. Depois de algumas tesouradas, avistou um gorro vermelho. Mais algumas, e a menina pulou fora, gritando: “Ah, eu estava tão apavorada! Como estava escuro na barriga do lobo.”

Embora mal pudesse respirar, a idosa vovó também conseguiu sair da barriga. Mais que depressa Chapeuzinho Vermelho catou umas pedras grandes e encheu a barriga do lobo com elas. Quando acordou, o lobo tentou sair correndo, mas as pedras eram tão pesadas que suas pernas bambearam e ele caiu morto.

Chapeuzinho Vermelho, sua avó e o caçador ficaram radiantes. O caçador esfolou o lobo e levou a pele para casa. A avó comeu os bolinhos, tomou o vinho que a neta lhe levava, e recuperou a saúde. Chapeuzinho Vermelho disse consigo: “Nunca se desvie do caminho e nunca entre na mata quando sua mãe proibir.” (GRIMM, 2010, p. 82)

Essa narrativa sofreu muitas modificações com o tempo, tornando-se cada vez mais leve e palatável. Muitas cenas consideradas mais assustadoras foram censuradas como método de precaução, ou seja, com o objetivo de que as crianças não tivessem de enfrentar certos choques tão cedo. Sem perceberem, na minha opinião, pais, tutores e responsáveis estão desperdiçando uma oportunidade de ampliar o desenvolvimento da criança e provocar reflexões sobre o senso de preservação. Nas palavras de Diana Corso e Mário Corso (2006, p. 164):

A nosso ver, alterações e criações são mais que bem-vindas, serão sempre uma oportunidade de movimentar as fantasias que fazem sofrer as crianças e suas famílias. As coisas ruins, patológicas, ficam escondidas nos cantinhos escuros da mente, produzindo angústia, medo, agitação e irritabilidade. Mas, se essas fantasias encontrarem algum tipo de tradução na narrativa do adulto e no diálogo com a criança, terão o potencial de oferecer alívio, cura e auxiliar no crescimento infantil.

Desde a chegada de um novo milênio, estamos presenciando uma explosão de conteúdos protagonizados por personagens de contos de fadas. De maneira geral, encontramos essas personagens visualmente alteradas, desfragmentadas e desconstruídas de suas formas originais. Isso pode ser visto em filmes como *Branca de Neve e o Caçador* (2012), no qual as personagens da clássica história estão presentes; porém, mais uma vez, são apresentadas em um contexto bem diferente e totalmente romantizado em sua produção (REIS, 2014, p. 14).

Muitas histórias possuem como característica em comum a existência de uma lição, ou uma moral, para guiar as crianças sobre as crueldades do mundo de uma maneira que elas tenham uma melhor percepção. E qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência, pois essas histórias narradas, nos trazem características da vivência humana, com representatividade fantasiosa. Simone de Campos Reis (2014, p. 15) diz:

São contos de fadas ou contos maravilhosos que recolhendo narrativas populares relatam de forma aparentemente simples, em linhas gerais, o comportamento do homem em suas vias psicológicas, antropológicas e sociais. A via psicológica, reconhecida a partir de Freud, falava do prazer obtido gratuitamente pela eficácia que o jogo de palavras pode trazer ao leitor; a antropológica reaviva em nós arquétipos coletivos ocultos, mas fundamentais, que se prendem a uma relação imemorable da humanidade e a sociológica dirige-se a um público definido, segundo uma sociedade e cultura.

Seguindo essas vias, as narrativas usam a fantasia, a imaginação, o faz-de-conta, o lúdico, a diversão, a brincadeira, dando-nos a impressão de que a compreensão de certas verdades humanas torna-se mais clara e evidente fazendo com que a história sobreviva ao tempo e torne-se universal.

A criança muitas vezes busca o medo, gosta da adrenalina, da sensação de perigo, da aventura, e de depois ter um colo para chorar de medo, quando a noite chega. Muitas delas buscam o mistério, a aventura, e esses elementos são fundamentais na criação de histórias infantis (CORSO; CORSO, 2006, p. 17). Ao ouvirem essas histórias, elas vão perceber que está tudo bem elas despertarem essa curiosidade, essa busca pelo desconhecido. Mas também vão perceber que existem os perigos do mundo, o caminho que leva para o lado escuro ou a criatura que tenta persuadir a fazer o errado. Esses elementos, por mais fantasiosos que sejam, são a representação de perigos reais que elas virão a encontrar no mundo, assim como explicam Diana Corso e Mario Corso (2006, p. 18):

Histórias de crianças que saem ou são expulsas de suas casas, ou que perdem o rumo de volta depois de um passeio mais ousado e se deparam com perigos inimagináveis,

funcionam como antecipações que lhes permitem dominar o medo do “mundo cruel” que, mais dia, menos dia, terão de enfrentar.

É função dos adultos dar liberdade para que as crianças conheçam essas “realidades fantasiosas”, que irão lhes ensinar, em uma linguagem que elas compreendam, a se protegerem e a conhecerem seus limites. Como explica Dunker (2021): “Acham que a coragem é a ausência do medo. Mas não é. A coragem é a travessia do medo”. Ou melhor:

O medo pode ser provocado pela percepção de nossa insignificância diante do Universo, da fugacidade da vida, das vastas zonas sombrias do desconhecido. É um sentimento vital que nos protege dos riscos da morte. Em função dele, desenvolvemos também o sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida. (CORSO; CORSO, 2006, p. 17)

Tenho a mais plena certeza de que a literatura de terror possui um papel fundamental no apoio e no desenvolvimento emocional da criança. Segundo o casal Corso (2006, p. 58), a maior parte das crianças elege dar forma para seus medos, e normalmente esta é uma figura apavorante. Chamada pelos psicanalistas de objetos fóbicos, essas figuras irão proporcionar para as crianças um mapeamento geográfico conforme a presença ou a ausência delas (CORSO; CORSO, 2006). Para Dunker (2021):

O medo envolve sempre um objeto (medo de alguma coisa). Mas há uma espécie de medo-mãe, que é quando o objeto do medo desaparece, e a isso chamamos de angústia. Ou seja, o medo no qual aquilo nos causa pavor se perde de tal maneira que experimentamos algo mais radical. Assim, a própria experimentação do medo deveria ser vista como uma conquista, porque saímos da indeterminação de não saber nem o que está acontecendo com você para focar naquilo que nos gera dor e desconforto.

As figuras fóbicas servem, se alguma maneira, para controlar o medo. Quando a criança sabe onde está o medo, sua percepção de mundo fica mais tranquila e previsível. Isto é: “O pior medo é despertado quando não conhecemos bem os contornos do que nos apavora, por isso, o terror habita na escuridão” (CORSO; CORSO, 2006, p. 58). A fobia que surge na infância, normalmente é um mecanismo de defesa contra um medo muito maior, isto é, a angústia, pois é um sentimento de um sentimento ou reação que não se pode definir ou localizar, que ameaça.

E essa vulnerabilidade é a mais apavorante. Por isso, concentrar o medo em palhaços ou Papai Noel costuma nos dar controle dessa emoção de forma muito mais eficiente. Ou seja:

Esses medos infantis normais são da mesma índole daqueles sentidos por pessoas que não conseguem sair de casa, frequentar lugares com muita gente ou estar em algum lugar onde fiquem longe da saída. São consequências de uma dificuldade de definir onde estão seus contornos, onde termina o eu e começa o outro. (CORSO; CORSO, 2006, p. 206)

Por mais cruel que soe, o incentivo ao medo é fundamental para o desenvolvimento da responsabilidade das crianças. A ideia de trabalhar o uso dessas figuras fóbicas é justamente para que elas criem esse senso de espaço. Mas há muitos problemas relacionados a isso. Um exemplo disso é o “velho do saco”, uma figura que é utilizada para que as crianças não saiam de casa durante à noite. Sabemos que o risco de serem sequestradas ou violadas é real, mas podemos encontrar, nesse caso, caminhos muito melhores do que gerar o pânico a pessoas que em geral estão na rua da cidade em processo de vulnerabilidade. É complexo:

De acordo com a fala do psicanalista Christian Dunker, a negação do medo acaba surtindo efeito contrário. Ao invés de apaziguá-lo, fazemos ele crescer, porque nos sentimos (ou fazemos a criança sentir) incapacitados para lidar com aquilo. O professor pondera que o que podemos transmitir à criança que tem medo, por exemplo, é a companhia no medo, admitindo que ele existe e que é preciso passar por ele, mas que não precisamos fazer isso sozinhos. (PENZANI, 2021)

É muito comum desvalorizar ou diminuir a importância o medo real da criança. Esse tipo de atitude é um comportamento pouco adequado, pois certamente se está anulando os sentimentos dela, tornando-os insignificantes. Em outras palavras: “Esse é um dos erros mais básicos em nossa política de educação dos afetos: imaginar que alguns afetos não deveriam existir: medo, angústia, culpa, raiva” (DUNKER, 2021).

Para explicar melhor essas constantes mudanças de conteúdos dirigidos para crianças, precisamos compreender que o conceito de infância mudou muito no decorrer dos anos. Sabemos que a “fascinação pelos anos da infância, um fenômeno relativamente recente” (HEYWOOD, 2004, p.13) fez com que o conceito de infância sofresse alterações significativas ao longo da história. Entender o que foram esses conceitos, analisando a infância do ponto de vista histórico, pode nos mostrar muito sobre a sua situação atualmente. Não podemos esquecer

que, até o século XII, as condições gerais de higiene e saúde eram muito precárias, o que tornava o índice de mortalidade infantil muito alto. Isto é:

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade. (HEYWOOD, 2004, p. 87)

E, ainda assim, as crianças que conseguiam atingir uma certa idade não possuíam identidade própria, só vindo a tê-la quando conseguissem fazer coisas semelhantes às aquelas feitas pelos adultos, com as quais conviviam. Sendo assim, não era exigido nenhuma preparação dos adultos que tinham de lidar com crianças. Isso era papel designado às chamadas criadeiras, amas de leite ou mães mercenárias.

Até mesmo na arte a infância foi ignorada. Para Ariès (1981, p. 50): “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. Até o fim do século XVIII, não se encontra crianças caracterizadas por sua expressão particular, sendo retratadas então como homens pequenos.

Como explica Heywood (2004, p. 23): “A ‘descoberta’ da infância só se desenvolveu pelos séculos XV, XVI e XVII, quando então se reconheceria que as crianças precisavam de tratamento especial, ‘uma espécie de quarentena, antes que pudessem integrar o mundo dos adultos’”. Isso fez com que as crianças deixassem de ser misturadas aos adultos. Essa quarentena foi a escola, que substituiu a aprendizagem como meio de comunicação. Como explica o filósofo francês:

Trata-se um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. [...] A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIÈS, 1981, p.12).

A mudança de paradigma no conceito de infância está diretamente relacionada ao fato de as crianças serem consideradas adultos imperfeitos. Nesse caso, pode haver pouco interesse nessa fase da vida delas. Para Heywood (2004, p. 10): “Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós”.

Devido à vida agitada dos pais, as mulheres agora têm tanto trabalho quanto os homens ou até mais, e o conceito de proteger a infância pode estar mudando. As crianças precisam aprender a autonomia desde muito cedo, fazer as tarefas domésticas para que possam se virar sozinhas, tudo isso para ajudar os pais a administrar o pouco tempo que resta no dia a dia do trabalho e da família. Assim, estamos criando uma geração que está amadurecendo cada vez mais cedo, e lidamos com uma infância mais receptiva e até mesmo necessitada do incentivo ao medo. E estamos pensando aqui em crianças de classe média, claro, ou algo parecido a uma renda de classe média. Se pensarmos em famílias de baixa renda, a situação assume outras proporções que nos inquietam. Sabemos que o trabalho infantil faz parte da realidade de centenas de brasileiros. Essas crianças têm suas infâncias roubadas desde muito cedo. O premiado curta-metragem de Liliana Sulzbach, intitulado *A invenção da infância*, mostra um Brasil repleto de contrastes.

O terror está presente na vida de qualquer criança. Desde o berço ouvimos que a Cuca viria nos pegar. Depois as coisas só vão acontecendo de maneira natural: crescemos um pouco e descobrimos que não podemos aceitar coisas de estranhos, porque pode ser a bruxa má com a maçã envenenada; mais um pouco e não podemos ficar acordados até tarde, pois o bicho-papão vai querer nos pegar; crescemos mais e estamos na escola invocando a loira do banheiro; mais alguns anos e jogamos o jogo do copo (hoje em dia com algumas versões mais modernas, como o famoso Charlie Charlie). Foi assim comigo. Foi assim com muita gente.

A autora de livros infantis Ko Moon-young (2021, ep. 3) certa vez disse que o propósito dos contos de fadas é contar a dolorosa e terrível verdade sobre a vida e nos ensinar lições valiosas sobre as relações humanas. Para ela, não existem vilões ou heróis, as bruxas podem ser gentis, enquanto as princesas podem ser fúteis, e suas belezas levarão ao profundo egoísmo. A visão da autora, aplicada em sua própria obra, vai do “realismo” ao pessimismo, e pode fazer com que nos sintamos tristes ao analisá-las sob o olhar mais maduro de leitor adulto. Mas a mágica é precisamente que a autora pode fornecer uma história aparentemente simples, mas cheia de significado.

Porém, o que muitos que se deparam com a obra não sabem é que Ko Moon-young é uma personagem fictícia de uma série k-drama (drama coreano) intitulada no Brasil como *Tudo bem não ser normal*, disponível na Netflix. Ko Moon-young é uma personagem adulta cheia de dores e traumas que se esconde por trás de palavras sombrias e misteriosas, revelando fragmentos de sua própria infância. Seu público são crianças. Talvez seja uma tentativa desesperada de salvar outras crianças do otimismo perigoso, para alertá-las que a vida pode ser mais cruel do que se pensa, e assim evitar a queda dolorosa da decepção.

A série *It's Okay not to be Okay* (*Tudo bem não ser normal*) trouxe em seu conteúdo uma coleção de livros infantis, tendo cinco títulos em seu catálogo: *O menino que se alimentava de pesadelos* (2021), *O garoto zumbi* (2021), *O cão alegre* (2021), *A mão e o tamboril* (2021) e *Em busca da feição ideal* (2021). Os livros têm uma temática e estética sombria, na qual a personagem/autora retrata desde os sentimentos complexos que ela possui, como o abandono da mãe ou a superproteção parental que “estraga” a criança, até mesmo a formação de caráter por meio das complicações da vida.

Proponho mostrar agora o primeiro livro: *O menino que se alimentava de pesadelos*. Começemos nos detendo na imagem da capa:





Ilustração 1: Capa do livro *O menino que se alimentava de pesadelos* (KO MOON-YOUNG<sup>2</sup>, 2021).

Há uma série de elementos que já de início nos mostra que a história não parece ter um final feliz. Já de cara vemos um menino totalmente fora de si, com o olhar alucinado e sem o controle da saliva. *O menino que se alimentava de pesadelos* é a primeira obra a ser narrada na série. A história é contada em momentos diferentes e em contextos de extrema importância. Aqui vale a pena registrar um entrelaçamento com a produção audiovisual: no primeiro episódio da série, Ko Moon-young lê a obra infantil na ala infantil de um hospital psiquiátrico. Porém, o público só conhece a história completa quando esta é lida por outra personagem, no mesmo episódio, em uma cena muito comovente, cheia de lágrimas e autoconhecimento. Esse pequeno conto traz um esclarecimento tão profundo que qualquer terapia agradece o favor prestado. Eu pelo menos agradeço.

O livro conta com 24 páginas de texto simples (ou seja, frases curtas em ordem direta) intercalado com lindas ilustrações com um toque gótico, o que também vemos em grandes obras como *João e Maria* (GAIMAN, 2015) e *Coraline* (GAIMAN, 2020). A delicadeza das histórias infantis integra perfeitamente com as palavras carregadas de escuridão e com uma lição cuidadosamente escondida. Uma criança que lê este livro, provavelmente, vai gostar das ilustrações. Ao lidar com o final não convencional, pode vir a sentir o impacto de ver a obra como um reflexo de todo ser humano. Assim começa a história:

---

<sup>2</sup> Ko Moon-young é uma personagem fictícia da série *It's Okay not to be okay*. Jo Yong, como roteirista da série, é também a verdadeira autora dos livros infantis aqui citados. Porém a própria Jo Yong remete a autoria dos livros à sua personagem, por esse motivo, quando falo de autora, estou me referindo a Ko Moon Young, a personagem.



Ilustração 2: Páginas 6 de *O menino que se alimentava de pesadelos* (KO MOON-YOUNG, 2021).

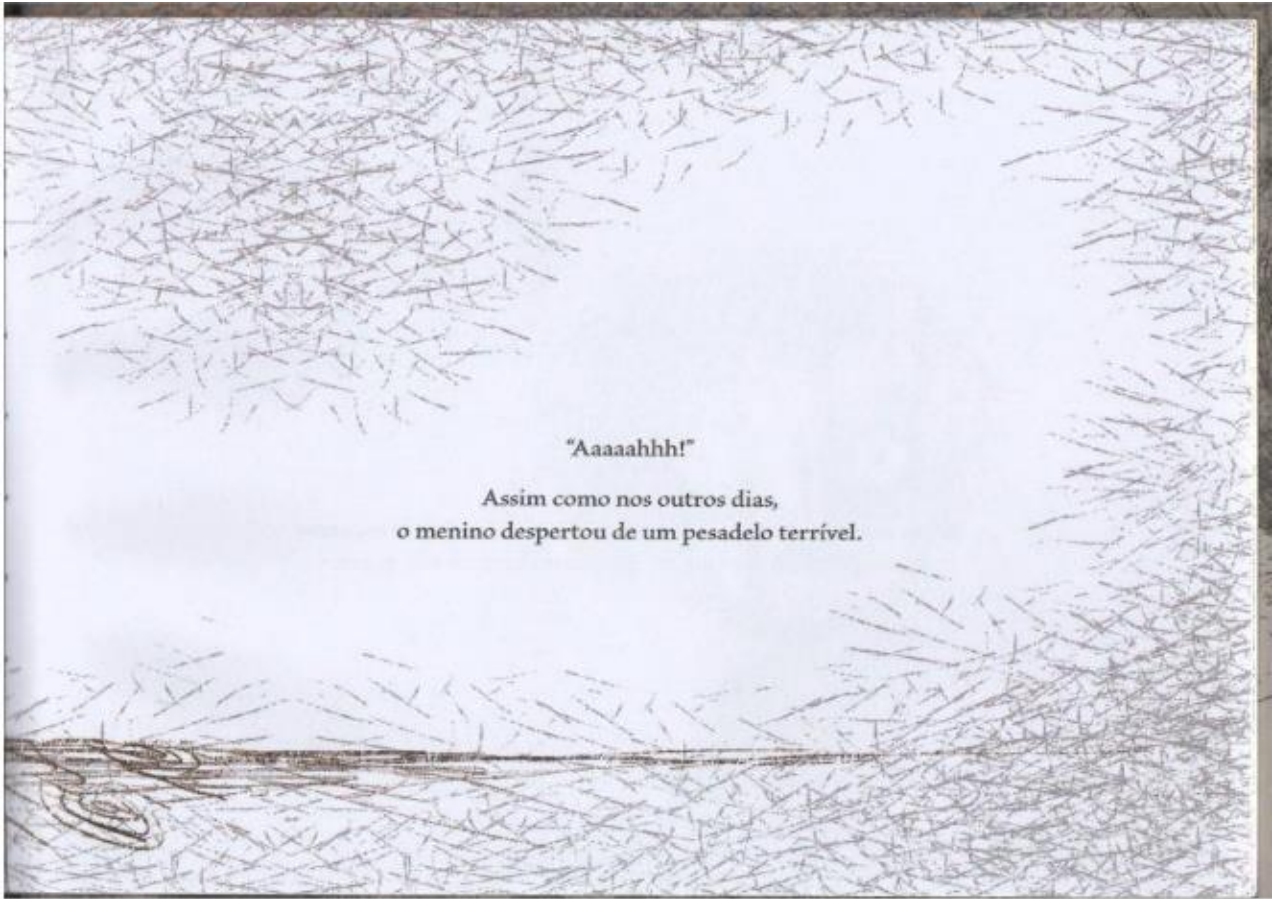
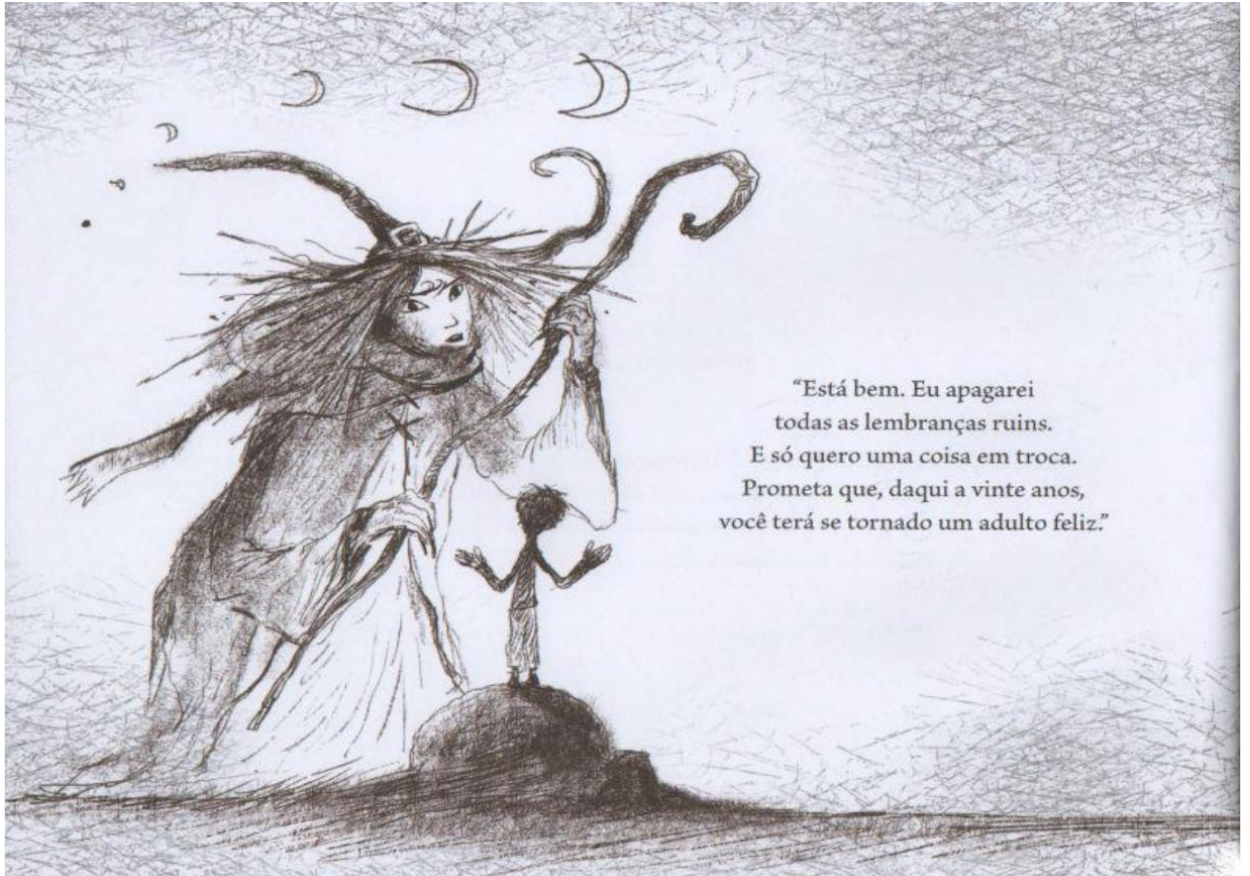


Ilustração 3: Páginas 7 de *O menino que se alimentava de pesadelos* (KO MOON-YOUNG, 2021).

No conto, um menino é atormentado por pesadelos. Ele está desesperado, pois nunca tem um sono tranquilo e sua mente é constantemente atacada por memórias dolorosas e tristes de sua própria vida. Mas ele não quer reviver essas dores. Ele não quer olhar para elas e lembrar o que passou. Ele quer esquecer, quer seguir em frente e finalmente dormir sem medo. Mas, como isso não acontece, ele resolve pedir ajuda a uma bruxa. Ele está disposto a dar qualquer coisa em troca para se livrar de suas lembranças ruins. Sim, podemos nos lembrar da Pequena Sereia, de Andersen (2011), que vai perder a própria vida nessa troca, na versão original do escritor dinamarquês. Enfim, voltando ao menino: a bruxa pede algo muito simples: que quando ambos se reencontrem, o menino tenha se tornado um adulto feliz. Ele, com a certeza de que, se as memórias ruins sumissem, finalmente poderia ser feliz, aceitou o acordo da bruxa sem pensar duas vezes. Ela diz:



“Está bem. Eu apagarei  
todas as lembranças ruins.  
E só quero uma coisa em troca.  
Prometa que, daqui a vinte anos,  
você terá se tornado um adulto feliz.”

Ilustração 4: Página 12 de *O menino que se alimentava de pesadelos* (KO MOON-YOUNG, 2021).

Como a maioria dos livros infantis, ele é curto e sucinto, não se prende a detalhes narrativos e se centra nos acontecimentos importantes. Porém, com um encerramento mais pessimista, diferentemente do que vemos nas versões mais próximas e açucaradas dos contos de fadas, como a Pequena Sereia da Disney que se casa com o príncipe. *O menino que se alimentava de pesadelos* assemelha-se aos antigos contos de fadas antes de sofrerem com a censura. Não há como esquecer que nos remete ao mundo de Edgar Allan Poe também. Bom, o menino não consegue alcançar a felicidade desejada, e quando chega o momento de encarar a bruxa, ao questionar-se sobre o motivo de não ser feliz, sendo que havia sido libertado de todas suas angústias, não sabe explicar-se. A bruxa, que apresenta a moral da história, vai direto ao ponto, como um tapa no rosto, para quem se identifica, e diz:

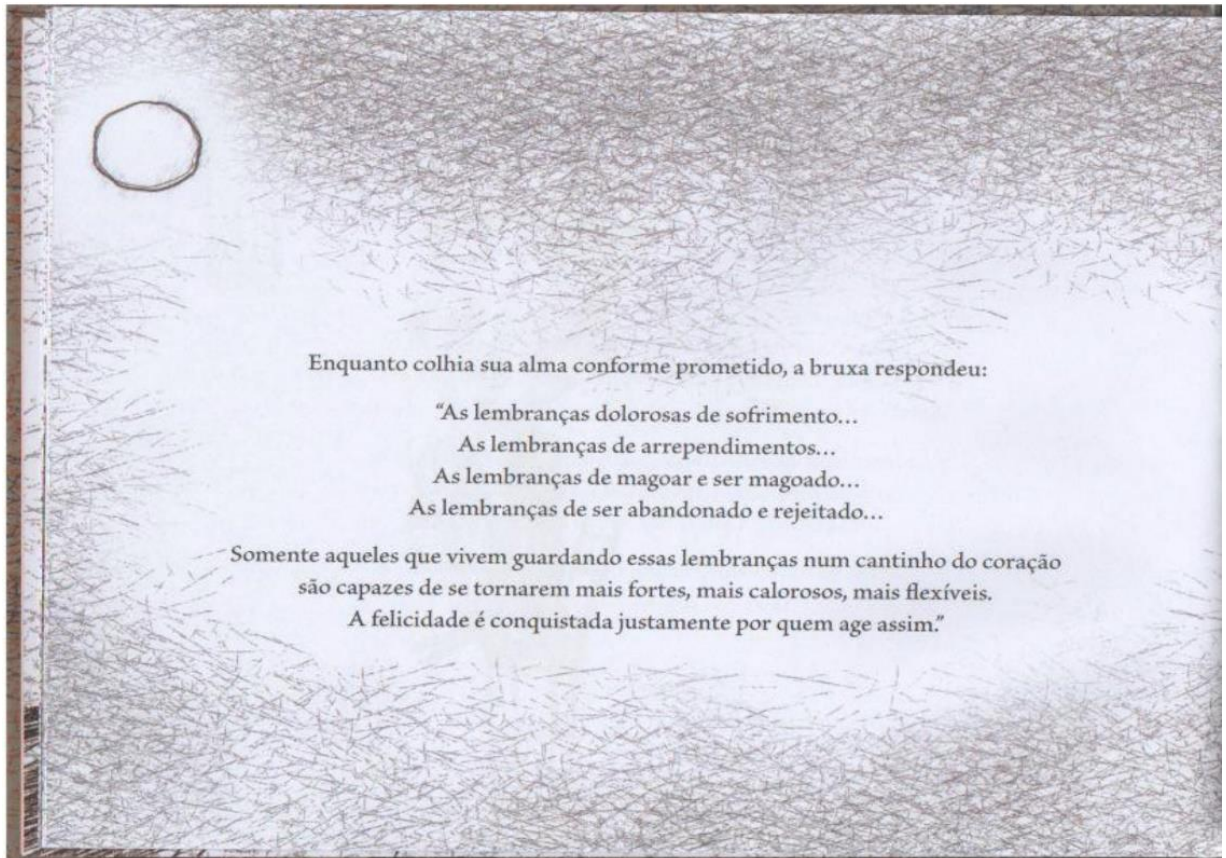


Ilustração 5: Página 16 de *O menino que se alimentava de pesadelos* (KO MOON-YOUNG, 2021).



Ilustração 6: Página 17 de *O menino que se alimentava de pesadelos* (KO MOON-YOUNG, 2021).

É muito comum nos pegarmos pensando como seria nossa vida se não tivéssemos passado por certas situações. Não é romantizar o sofrimento, mas independentemente de tudo, todos nós temos dores, traumas, lembranças tristes. Provavelmente já nos despedimos de alguém que amávamos, já ouvimos palavras duras que nos feriram, já vimos crueldades que nos marcaram. Mas nós somos um quebra-cabeça de todas essas pequenas peças que foram colocadas em nossas vidas pelas experiências que vivenciamos. Afinal, precisamos de chuva para conseguir ver um arco-íris, assim como de tormentas para que — quando tudo passar — possamos ter a sensação de vitória, porque nós atravessamos isso, nós conseguimos. Esses pequenos momentos, analisados a partir dessa percepção, talvez, possam ser chamados de felicidade. E há um recomeço, incerto, mas um recomeço:

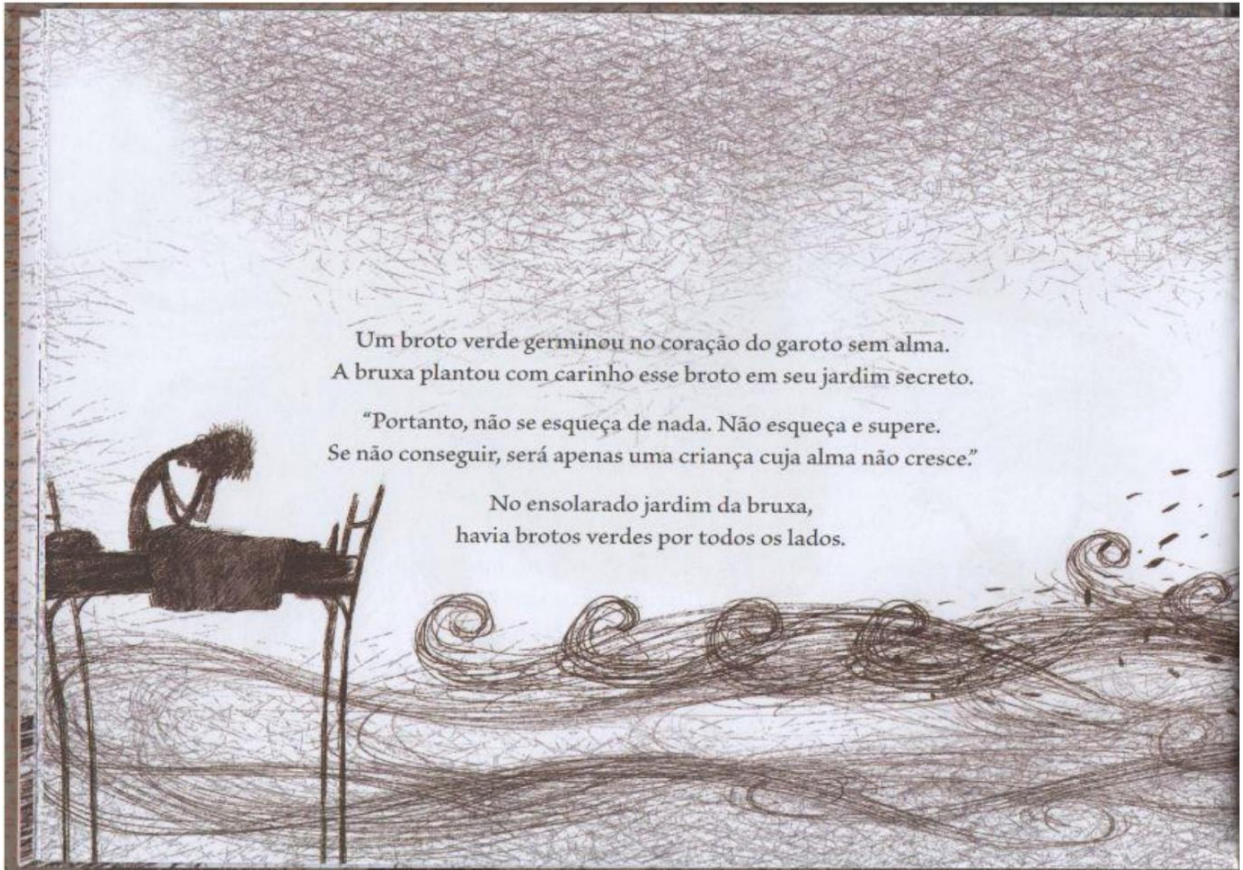


Ilustração 7: Páginas 18 de *O menino que se alimentava de pesadelos* (KO MOON-YOUNG, 2021).

E, assim, através dessa escolha, o livro acerta em cheio ao mostrar as consequências de quem rejeita as adversidades da vida, assim como Jo Yong (2021, p. 2), roteirista da série, descreveu em um breve comentário, no último livro da coleção, *Em busca da feição ideal*:

Pare de olhar para as estrelas inalcançáveis no céu, em vez disso, olhe para seus pés imersos na lama!

Essa é a sua realidade, e um bom conto de fadas faz você encarar a realidade como ela é.

Por isso, as histórias da autora não apresentam aos leitores romances açucarados e idealizações.

“Por favor, seja um bom adulto”, diz ela, fazendo as pessoas enfrentarem a realidade dura e cruel, criticando e refletindo sobre a geração que a criou.

Que você se torne um adulto de verdade, cuja alma encontrou a maturidade superando as lembranças dolorosas do passado em vez de esquecê-las, como *O menino que se alimentava de pesadelos*.

Podemos dizer que *O menino que se alimentava de pesadelos* carrega toda a premissa deste ensaio, do que quero dizer neste momento. É uma história que conta, de forma breve, as consequências de anular certos sentimentos negativos. Ko Moon-young trouxe para nós um resgate dos antigos contos de fadas, no qual utiliza de elementos não convencionais e finais infelizes para retratar a vida real, com o intuito de preparar as crianças de hoje para enfrentarem as crueldades do mundo, uma oportunidade que ela não teve. Minha ideia também é essa: acho mesmo que devemos mostrar para as crianças os antagonismos no mundo, além de estimular a autopreservação delas, ensinando-as uma importante lição.



## ***2 SERENA E O MONSTRO NA JANELA***

# Serena e o Monstro na Janela

# 1

Serena tinha cinco anos e era feliz. Era uma criança amada e protegida. Morava com os pais em uma casa simples e humilde que tinha três cômodos: a cozinha, o banheiro e um pequeno quarto, onde os pais e a filha dormiam juntos. Ela não reclamava, muito pelo contrário, amava poder estar perto deles, porque se sentia segura. Nada de ruim poderia acontecer.

Eles nunca a deixavam sozinha. Estavam sempre vigilantes para que ninguém fizesse mal a sua filhinha. Nem mesmo toleravam a ideia de uma criança machucar Serena durante uma brincadeira de escola.

Mas um dia algo mudou. O pai conseguiu um novo emprego. E aí aconteceu a mudança para uma nova cidade. Eles foram para uma casa com muitos cômodos e Serena tinha, então, um quarto só para ela.

## 2

Começou com um pesadelo.

Serena acordou gritando, seus pais correram até o quarto. Sentada na cama, ela ofegava, os olhos estavam arregalados de pavor.

Serena contou o sonho ruim. Os pais apenas sorriram para ela.

—Foi só um sonho, minha querida —disse a mãe, acariciando os seus cabelos.

- Um sonho ruim - completou o pai com um bocejo.

—Posso dormir com vocês? —a pequena choramingou.

—Você já é uma moça, filha — o pai respondeu amavelmente. — Está na hora de dormir sozinha.

—Mas eu tenho medo - implorou em um fio de voz.

— Não precisa ter medo, os sonhos estão presos aqui - a mãe disse tocando sua cabecinha com a ponta do dedo. - E não podem fazer mal a ninguém.

Ao escutar aquelas palavras, Serena se acalmou. A mãe a aconchegou nas cobertas, beijando a sua testa. A menina bocejou e adormeceu.

Mas não por muito tempo.

# 3

Era como se garras afiadas arranhassem os vidros da janela. Com o coração aos pulos, Serena se sentou na cama e olhou para o lugar de onde o som vinha. Os galhos de uma árvore batiam na vidraça. Ela respirou aliviada e caminhou até a janela para fechar a cortina.

E lá estava ele...

Era alto, mais alto que o seu pai. As costas eram curvadas, os ombros eram pontiagudos e pareciam pesados demais. Suas roupas eram trapos sujos e rasgados. Os dedos longos e extremamente magros terminavam em unhas compridas e deformadas e pousavam pendurados, ao lado do corpo esquelético e magro.

Ela ficou lívida olhando paralisada para o amontoado de ossos cobertos por uma pele seca e enrugada daquela criatura extremamente assustadora, parada, próximo do portão da casa.

Não conseguia enxergar o rosto, coberto por um capuz. Mas, mesmo assim, ela conseguiu sentir um olhar faminto sobre ela, que a observava à distância. Suas pernas ficaram bambas e ela tateou a escuridão em busca de equilíbrio. Seus dedos encontraram o abajur que enfeitava a mesa de cabeceira levando-o ao chão. O estrondo acordou seus pais que entraram afoitos no quarto da filha.

— Tem um monstro lá fora — ela balbuciou apontando para a janela.

— Não tem nada lá fora — seu pai falou, com certa irritação, fechando as cortinas sem olhar para o lugar que ela mostrava.

Serena ainda viu a criatura dar um passo à frente antes que a cortina a escondesse.

— Monstros não existem, meu amor — a mãe insistiu, tentando convencê-la que tudo era parte de sua imaginação.

Suas novas súplicas para dormir com os pais foram em vão. Eles não acreditavam mesmo nela.

— Não preciso ter medo. Não preciso ter medo... — ela repetia para si mesma com a cabeça enfiada debaixo das cobertas.

Naquela noite, Serena não voltou a dormir e mais de uma vez controlou a vontade de correr para o quarto dos pais, onde achava que estaria segura.

Estaria salva se dormisse. O monstro certamente se cansaria de esperar e iria embora.

Mas, na manhã seguinte, ao abrir as cortinas da janela, a criatura ainda estava do lado de fora, dois passos mais perto...

# 4

Não precisava ter medo, os pais disseram novamente, quando o monstro se aproximou da varanda.

É só sua imaginação, repetiram, quando o vulto a acompanhou ao parque e a espreitou enquanto ela deslizava pelo escorregador.

—Mamãe, o monstro vai comigo para a escola?

—Não tem monstro nenhum, Serena – a mulher bufou, já sem a paciência de antes.

Serena discordou, afinal conseguia ver a grande criatura virando a esquina, logo atrás delas.

—Você vai se divertir na nova escola — a mãe disse tentando mudar de assunto.

— Ai, ele está mais perto — Serena insistiu, olhando para trás.

Mas sua mãe não falou mais nada, e a garotinha entendeu que era melhor não falar também. Caminharam lado a lado em silêncio. Um silêncio cortado pelo movimentar da criatura que as seguia, um som que se assemelhava a galhos se quebrando.

*Crec.*

*Crec.*

*Crec.*

*Crec.*

*Crec.*

*Crec.*



# 5

A nova escola era assustadoramente grande para ela. Então, segurou a saia da mãe enquanto caminhavam pelos corredores descoloridos que levavam à sala de aula onde pessoas estranhas a esperavam.

Serena pensou por um segundo em pedir para a mãe ficar, mas não o fez. Ela andava muito brava nos últimos dias, desde que se mudaram para a casa nova. Começou a usar uma palavra diferente: “estressante”. Ela dizia “estressante” para tudo. E seja lá o que aquilo significava, não parecia ser algo bom.

Dois coleguinhas se aproximaram de Serena com curiosidade.

— O que você está olhando na janela? — perguntaram para ela.

— Tem um monstro lá fora.

— Não tem nada lá fora — a garotinha de tranças no cabelo retrucou observando a pracinha vazia.

Serena suspirou. Mais uma pessoa que não acreditava nela.

— Você está com medo? — implicou o garoto imitando uma voz chorosa — Está com medo do monstro? Vai correr chorando para a mamãe? — debochou.

Serena ficou envergonhada. Lembrou as palavras do pai: *Não precisa ter medo*. Lembrou também o silêncio reprovador da mãe.

Ela não queria ser “estressante”.

— Eu não tenho medo dele — mentiu, por fim, fingindo uma coragem que não tinha.

*Crec.*

E o monstro deu mais um passo.

# 6

A cada dia, o monstro estava mais perto. E Serena, mais nervosa com isso.

Seus pais diziam que não era nada.

*Crec.*

Seus colegas riam dela chamando-a de medrosa.

*Crec.*

Ela mentia, dizendo que não tinha medo.

*Crec.*

# 7

— Por que você não vai brincar lá fora, Serena? — a mãe sugeriu ao perceber que a filha passava os dias dentro de casa, seguindo-as como uma sombra.

— Agora temos um pátio grande, você deve aproveitar. Crianças precisam pegar sol.

— Eu não gosto do pátio — resmungou a criança, pensando na criatura que a espreitava lá fora.

— Ainda é aquela história de monstro? — a mãe suspirou desanimada. — Você já está bem grandinha para acreditar nessas coisas.

Serena sentiu-se envergonhada e triste por decepcionar os seus pais mais uma vez.

Caminhou até a porta que daria para o pátio e a abriu. Ia provar que era corajosa e deixar sua mãe feliz novamente. Ah, sim. Custasse o que custasse.

Mas seu corpo estremeceu e ela paralisou. Ele a observava a alguns metros... Ela ainda não conseguia ver a sua face, mas o brilho vindo do par de olhos esfomeados fez com que ela ficasse arrepiada. Um passo atrás e Serena esqueceu que queria impressionar a mãe e correu para o seu quarto.

Da janela do segundo andar, ela o observou antes de fechar as cortinas com as mãos trêmulas.

*Crec.*

# 8

Era um domingo ensolarado. Naquele dia, seus pais a levaram a um parque de diversões. Era a primeira vez que Serena ia a um lugar tão grande e com tantos brinquedos diferentes.

Havia carrossel, roda-gigante, montanha-russa, túnel do terror, carro-choque, tendas com guloseimas variadas, jogos, princesas, cavaleiros e palhaços distribuindo balões coloridos.

E havia um monstro, que só ela enxergava e que a acompanhava, agora, a alguns passos.

Serena sentiu-se receosa de perder-se dos pais. E agarrou com força a saia do vestido da mãe. Era um hábito que havia adquirido nos últimos tempos, mas que, até então, havia passado despercebido pelos pais.

— Você não vai conseguir brincar se ficar agarrada em mim, Serena — a mãe resmungou.

— Eu quero ir pra casa — pediu a garotinha.

Mas seu pedido foi rejeitado. Afinal, aquele passeio tinha exatamente o objetivo de tirá-la de casa e fazê-la se distrair.

*Crec.*

# 9

Um palhaço deu um salto, aproximando-se de Serena. Tinha a boca aberta e uma careta medonha. Estava esticando um balão cor de laranja na direção da menina.

Era assustador, para dizer o mínimo.

A garota sentiu a mão da mãe em suas costas, empurrando-a em direção ao palhaço.

— Não precisa ter medo, filha.

*Crec.*

Serena balançou a cabeça, em negativa. O estava coração aos pulos.

— Não seja mal-educada — o pai disse com firmeza. — Só pegue o balão.

*Crec.*

A garota virou-se de costas para o palhaço, sentindo falta de ar. E, então, deu de cara com o monstro. Não havia como fugir.

Agarrou-se nas pernas do pai e fez o que tinha vontade desde a primeira vez que viu aquela criatura.

Chorou.

# 10

Pela primeira vez, ela ficou de castigo.

À noite, Serena evitava olhar para sua janela, pois não queria saber o quanto aquele monstro estava perto.

Seus pais estavam chateados por ela ter feito tamanha cena no parque. E, por causa disso, ela não podia sair do quarto.



# 11

Cansada de ficar na mesma posição, ela se revirou na cama, sentindo o coração bater rápido, e olhou novamente para a janela.

O monstro, diferentemente das outras vezes, estava pendurado. E, agora, ela conseguia ver os dentes afiados por trás de um sorriso tenebroso.

— Mamãe! — ela gritou em desespero.

— Agora não, Serena! — a voz distante da mãe ecoou de algum outro cômodo da casa.

*Crec.*

Com esse passo, o monstro entrou em seu quarto.

# 12

— Por favor, me deixem dormir com vocês.

Serena não sabia mais dizer quando foi que os choros se tornaram tão frequentes.

O monstro a seguia em todo o lugar, agora de perto. E isso deixava a garota apavorada a cada minuto.

Se ela dormisse com os pais, a criatura iria junto, mas, pelo menos, ela teria a proteção deles.

Porém, não funcionou tão bem como ela queria.

— Não, Serena, você anda manhosa demais — a mãe respondeu, possessa. — Você não é mais um bebê.

*Crec.*

# 13

— Papai, eu tenho medo — disse Serena, pela primeira vez admitindo a verdade.

Ela olhou para o monstro parado logo atrás do homem. Sentia novamente falta de ar e queria um daqueles abraços protetores.

— Medo é coisa de bebezinho — disse o pai em tom de brincadeira, mais uma vez. — Minha filhinha já é grandinha, e com certeza não tem medo de nada.

*Crec.*

# 14

Até que, em uma bela noite, Serena não disse mais nada para os pais, que estranharam, mas também ficaram contentes. Afinal acreditavam que sua filha havia superado o medo bobo.

— Não tem mais um monstro lá fora? — questionou a mãe, enquanto a colocava para dormir.

Serena balançou a cabeça negativamente.

— Ele agora vai ficar sempre comigo.

Serena havia rejeitado tanto o monstro, que acabou fazendo com que ele se tornasse parte dela.

E foi só o começo de seus pesadelos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

E agora? Minha orientadora me pediu para responder isso ao final de tudo, mas é uma questão complexa, ainda mais para alguém ansiosa como eu.

Bem, agora eu preciso respirar fundo, e pensar por partes. Primeiro eu realmente espero que tenha conseguido transmitir, pelo menos um pouco, da minha opinião sobre o assunto abordado. Espero que tenha dado uma melhor compreensão sobre a relevância do medo no desenvolvimento da criança, assim como apresentado, teoricamente, conteúdos relevantes que relacionam o medo como emoção fundamental e seu papel ao desenvolvimento emocional e social da criança.

Desmistificar a ideia de que criança é jovem demais para consumir conteúdo de natureza sombria, de terror ou que envolva assuntos chocantes (como abandono, morte, solidão) é um dos principais objetivos deste trabalho. Mesmo com tanto assunto sendo deixado de fora da versão final, ainda assim fiquei satisfeita com o resultado.

*Serena e o monstro na janela* será publicado, em um futuro — espero eu — não tão distante. Para isso, tenho muito a melhorar na obra, além de completá-la com ilustrações maravilhosas e sombrias, que possam dialogar com a mesma intensidade que as palavras o fizeram.

Escrever histórias infantis de terror foi um caminho que eu jamais me imaginei seguir, mas agora cá estamos. Eu realmente pretendo continuar trilhando essa jornada, trazendo mais histórias com conteúdo sombrio para que as crianças não acabem como Serena, com (mais) um trauma dentro de si.

Com isso eu finalizo uma etapa, uma que tem um peso e significado muito grande para mim, afinal tinha medo de não conseguir. Medo, chega a ser irônico. Mas, afinal de contas, completar esta obra, só se fez provar para mim aquilo que eu quero tanto dizer com este TCC: que todos podemos abraçar nossos medos para aprender a atravessá-los de maneira segura.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silvia Duarte. Serzedo: Paulina, 2019.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- BRANCA de neve e o caçador**. Direção: Rupert Sanders. Roteiro: Evan Daugherty e John Lee Hancock. Intérpretes: Kristen Stewart, Chris Hemsworth e Charlize Theron e outros. Estados Unidos: Universal Studios, 2012. 1 bobina cinematográfica (126 min), son., color., 35 mm.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na Terra do Nunca**. Porto Alegre: Artmed Editora, v. 1, f. 164, 2008.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, f. 163, 2006.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- DARWIN, Christian. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GAIMAN, Neil. **Coraline**. Tradução de Bruna Beber. São Paulo: Intrínseca, 2020.
- GAIMAN, Neil. **João e Maria**. Tradução de Augusto Calil. São Paulo: Intrínseca, 2015.
- HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KO, Moon-Young; JO, Yong. **A criança zumbi**. Tradução de Jae hyung Woo. São Paulo: Intrínseca, 2021. (It's Okay to Not Be Okay).
- KO, Moon-Young; JO, Yong. **A mão e o Tamboril**. Tradução de Jae hyung Woo. São Paulo: Intrínseca, 2021. (It's Okay to Not Be Okay).
- KO, Moon-Young; YONG, Jo. **Em busca da feição ideal**. Tradução de Jae hyung Woo. São Paulo: Intrínseca, 2021. (It's Okay to Not Be Okay).
- KO, Moon-Young; YONG, Jo. **O cão alegre**. Tradução de Jae hyung Woo. São Paulo: Intrínseca, 2021. (It's Okay to Not Be Okay).
- KO, Moon-Young; YONG, Jo. **O menino que se alimentava de pesadelos**. Tradução de Jae hyung Woo. São Paulo: Intrínseca, 2021. (It's Okay to Not Be Okay).
- MACHADO, Ana Maria (comp.). **Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MYRA Y LOPEZ, Emílio. **Os quatro gigantes da alma**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

PENZANI, Renata. **Precisamos falar sobre medo**: Christian Dunker fala sobre o tema. Lunetas. 2018. Disponível em: <https://lunetas.com.br/medo-christian-dunker/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

PERRAULT, Christian. **Contos da mamãe Gansa**. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PNAS: **Proceedings of the National Academy of Sciences os the United State of the America**. Disponível em: <https://www.pnas.org/>. Acesso em: 16 out. 2021.

REIS, Simone de Campos. **O que são contos de fadas?** Recife: UPFE, 2014.

SULZBACH, Liliana. **A invenção da infância**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h1WiZoQ6Sj8>. Acesso em: 30 nov. 2021.

**TUDO bem não ser normal**. Direção: Shin-woo Park, Roteiro: Jo Yong. Intérpretes: Kim Soo-hyun, Seo Ye-ji, Oh Jung-se, Park Kyu-young e outros. Coreia do Sul: Story TV, Gold Medalist, son., color., transmitida pelo canal de streaming Netflix. Acesso em: 27 mar. 2021.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)